

SIGNIFICADO ESTRUTURAL EM POLISSEMIA DE VERBOS

LEVES

Isabella Lopes Pederneira (UFRJ)
spederneira@hotmail.com

Introdução

Este é um estudo na interface sintaxe-semântica. Meu objetivo é analisar sentenças com polissemia verbal no português brasileiro no que concerne aos seus comportamentos sintáticos. O foco principal do trabalho é polissemia em verbos leves, e a meta é conseguir restringir as diferenças semânticas básicas às suas configurações sintáticas que, potencialmente, podem fazer surgir seus significados.

Há alguns estudos formais que tentam classificar e conceituar a categoria dos verbos leves. Algumas importantes referências no assunto são Grimshaw e Mester (1988) e Butt (2010). Surgem importantes contribuições para o campo de estudos formais a partir desses trabalhos, porém alguns problemas podem ser apontados. Duas das importantes características dos verbos leves, segundo esses autores, são: (a) não têm semântica plena (ainda que possamos identificar uma correlação mínima com o correspondente pleno); (b) precisam estar em um complexo V-N (ou V-Adj) e agem como um verbalizador.

Butt (*idem*) ainda complementa afirmando que os verbos leves respeitam as configurações sintáticas dos correspondentes plenos. Isso que dizer que o verbo projeta os argumentos sintáticos independentemente da categoria do verbo. Se o verbo pleno projeta dois argumentos sintáticos sobre os quais precisa descarregar os papéis teta, logo, se este mesmo verbo possui uma versão leve, precisará necessariamente ter dois argumentos. Esta hipótese pode ser refutada prontamente, já que, por exemplo, o verbo *correr* tem uma versão plena intransitiva (A tartaruga correu), configuração esta que não pode ocorrer com os verbos leves, porque estes precisam estar em um complexo com um complemento ou modificador. Diante disso, o que fazemos com sentenças no português brasileiro como “os alunos correram um abaixo-assinado” ou “o cachorro correu o gato”? Estes são usos leves do verbo *correr*, no entanto, como podemos observar, existe uma configuração sintática diferente. Em “a tartaruga correu”, temos somente um argumento sintático, enquanto que em “os alunos correram um abaixo-assinado” e “o cachorro correu o gato” há dois argumentos em cada sentença, um externo e um interno.

Diante disso, este trabalho pretende refinar esta classificação para verbos leves proveniente da tradição de teorias projecionistas, no entanto partindo de referências teóricas construcionistas. Para isso, apontaremos problemas nas características destacadas. Para (a), mostrarei que possuir ou não uma semântica plena não diz respeito a uma potencialidade inerente à raiz ou mesmo ao complexo raiz e verbalizador, mas diz respeito, contudo, a potencialidades configuracionais em níveis mais altos. Concordamos que falte conteúdo semântico ao verbo leve, mas não todo o conteúdo semântico. Conseguimos compreender a diferença entre “tomar banho” e “dar banho”, porém isso não faz parte de uma potencialidade da raiz, mas do evento sintático. Para (b), mostrarei sentenças no português brasileiro que contrariam a ideia de que verbos leves sejam restritos ao complexo V-N ou V-Adj, já que existem exemplos desses verbos em diferentes esquemas configuracionais. Defenderemos, todavia, que estes

verbos precisam estar em um complexo V-complemento ou V-modificador e que estes complementos têm papel fundamental na construção do significado completo da sentença. Além disso, veremos configurações de eventos estativos com o provimento de uma relação de pequena oração. Uma característica que une as nossas observações refere-se ao fato de que precisam estar inseridos em uma estrutura de evento. Este evento é o que, essencialmente, assegurará o significado total básico. Outros feixes, tais como os que selecionarão tanto o complemento/modificador quanto o sujeito, também serão associados para fazer surgir o significado da estrutura. Além disso, no momento da inserção da raiz, esta agrega ainda mais significados após a estrutura pronta. Nos verbos leves, ela agregará menos conteúdo e, por isso, a estrutura de evento precisa fornecer pistas concisas de significado.

Trabalhos em teorias construcionistas têm se dividido, grosso modo, entre aqueles que advogam em favor da Morfologia Distribuída (MARANTZ, 1997) e seus descendentes ou aqueles que defendem o modelo Exo-esqueletal (BORER, 2005, 2013). Há algumas diferenças importantes entre os dois modelos, tais como os que se referem ao conteúdo da raiz e o local da interface conceitual. Há outras diferenças importantes, mas estas duas me parecem mais essenciais. O conteúdo da raiz, na teoria Exoesqueletal, é sempre nulo até o fim da derivação sintática; enquanto que, na maioria das versões da Morfologia Distribuída, há um conteúdo, ainda que mínimo, que pertence à raiz. Em referência à interface conceitual, enquanto que, na Morfologia Distribuída, ela ocorre na Forma lógica; no modelo Exoesqueletal, ela ocorre na fonologia. Este trabalho está baseado no modelo de gramática Exo-esqueletal, cuja principal contribuição diz respeito ao fato de que não há qualquer conteúdo semântico proveniente da raiz nas fases sintáticas e que, portanto, significados básicos precisam ser correspondidos por algum item sintático. Mais detalhes sobre a teoria serão apresentados em outra seção.

A seguir, cito exemplos de versões leves do verbo *pegar*, para que a formulação do nosso problema de pesquisa fique mais clara:

1. Maria *pegou* uma gripe.
2. Maria *pegou* aquele rapaz.
3. Você precisa *pegar* a terceira rua à esquerda.
4. Meu pai me *pega* na escola até hoje.

Conforme podemos notar, todas as sentenças acima contêm o verbo *pegar*, mas cada uma delas com um significado diferente para ele (1. contrair, 2. “namorar”, 3. atingir, 4. transportar). Diante disso, a partir da premissa de que verbos leves são vazios de semântica plena, como diferenciar os sentidos das frases acima? Como analisar formalmente os dados? E qual a teoria que possui mais ferramentas para distinguir sintaxe e semântica, de modo que a semântica seja apenas uma leitura dos comandos sintáticos? Mostraremos, neste trabalho, a análise para sete verbos em português brasileiro: *correr*, *tomar*, *matar*, *pegar*, *cortar*, *andar* e *levar*. A escolha dos verbos foi aleatória, tendo em vista que qualquer verbo, potencialmente, pode ter versões leves.

1. Teorias Projecionistas X Teorias Construcionistas

Na teoria linguística gerativa, há um interessante e proveitoso debate entre duas famílias teóricas distintas: projecionista e construcionista. Neste trabalho, vou argumentar em favor de um modelo de gramática que pertence à segunda vertente

teórica, a construcionista, pois acredito que esta forneça melhores (e mais numerosas) ferramentas (sintáticas) de análise para um trabalho que discute a interface sintático-semântica.

A ideia mais central que diferencia um do outro é a ordenação dos componentes na interface sintaxe-semântica. A razão da escolha do nome “interface sintaxe-semântica” em detrimento ao nome “interface léxico-sintaxe” faz parte da explicação, já que a ordem dos elementos reflete a filosofia que subjaz a esta escolha. A interface dos componentes da gramática é um fato para os dois grupos, mas qual dos dois componentes é mais básico e delimita as ações do outro? O léxico de uma língua é realmente uma mera lista de itens associados a um significado e a um conjunto de estruturas sintáticas compatíveis com ela? Ou é possível que exista uma associação entre os verbos e um limitado número de possíveis configurações? Dito desta forma, é compatível dizer que não existe uma nova sintaxe para cada verbo. Parece que a primeira predição, que é uma predição projetionista, precisa concordar com a ideia de que a sintaxe de um determinado verbo poderia variar arbitrariamente, porém a literatura proveniente de estudos de aquisição mostra que isso não ocorre dessa maneira. Com isso, torna-se necessária a tentativa de mostrar que a sintaxe não varia arbitrariamente na língua, porque qualquer conteúdo de semântica regular precisa ser uma interface com a sintaxe.

O objetivo com isso não é um retorno à semântica gerativa, embora defenda uma isomorfia bastante forte entre a sintaxe e a semântica, porém conteúdos não regulares de semântica pura farão a interface em outro componente da gramática: na interface sintaxe-pragmática. No entanto, este componente talvez não esteja disponível para acesso, ou talvez nem seja uma preocupação pertinente a um trabalho em linguística formal, já que, também talvez, seja impossível a formalização de componentes da interface com o mundo.

Como a linguística é uma área de estudos tradicional, é de se esperar que questões como essas já tenham tido início em ambos os modelos de gramática. Do lado projetionista, podemos citar trabalhos como os de Chomsky (1970, 1981), Baker (1988), Levin e Rappaport-Hovav (1995), entre outros; e, do lado dos que defendem um sistema computacional, temos: Borer (1984, 2005, 2013), Marantz (1997), Harley e Noyer (2000), entre outros. Ambos os posicionamentos concordam que um ponto importante é prover a correlação entre o significado de um verbo e a estrutura em que ele aparece. Diante disso, três perguntas são necessárias: como que os verbos, então, são representados na gramática? Qual a divisão de trabalho entre o léxico e a sintaxe? Existe um léxico ou o que temos é uma sintaxe de formação do léxico, assim como temos para a formação de sentenças?

De acordo com a hipótese projetionista, cada verbo em uma determinada língua possui um conjunto ou uma lista de papéis temáticos que devem ser atribuídos a seus argumentos em posições sintáticas específicas. Estas posições sintáticas são criadas por cada verbo a depender dos papéis temáticos que precisam ser descarregados sobre os argumentos de modo que produza o significado desejado. Quando a inserção lexical ocorre, o papel semântico de cada argumento sintático é despejado a partir de predições provenientes das potencialidades semânticas internas ao verbo no contexto da inserção. Outra palavra frequentemente empregada como rótulo para essa vertente teórica é lexicalismo, já que a entidade que origina a projeção de papéis temáticos na direção de estruturas sintáticas é o item lexical.

Na literatura de gramática gerativa, encontramos numerosas evidências que desenvolvem o argumento acima. Um exemplo é o Princípio da Projeção (Chomsky

1981) que afirma que a informação lexical é sintaticamente representada. O importante nesta afirmação é o fato de que existe uma informação lexical, propriedades intrínsecas ao léxico que a sintaxe irá representar em seu nível. Seguindo a mesma idéia, podemos citar também Levin e Rappaport-Hovav (1995) que desenvolvem as regras de *linking* para se referir aos princípios que associam os papéis semânticos a expressões sintáticas específicas. As autoras acreditam que essas regras de *linking* possam ser parte da Gramática Universal, já que observam uma grande similaridade a partir de uma análise interlinguística.

Por outro lado, há os modelos de gramática provenientes de outra tradição: os construcionistas (MARANTZ 1997; RAMCHAND 1997; HARLEY e NOYER, 2000; BORER, 2005, 2013). Nesses modelos, não existe um conteúdo semântico intralexical de um verbo que possa determinar a sua sintaxe, mas será a estrutura funcional/aspectual na qual o verbo será inserido que determinará a leitura. Dependendo da construção na qual um verbo é inserido, um significado particular emerge.

Há pelo menos três razões ressaltadas por que optar por um modelo construcionista. A primeira é um argumento contra a própria hipótese Lexicalista de que a sintaxe nem manipula, nem tem acesso à forma interna das palavras e de que a palavra é o local de variados tipos de idiosincrasia. Essa posição apresenta uma grande e fundamental dificuldade que seria como definir teoricamente a noção de palavra. A segunda razão diz respeito ao fato de que modelos não lexicalistas têm a vantagem de não precisar de operações lexicais especiais diferentes das operações sintáticas de concatenar e mover da sintaxe de sentenças. A terceira e última razão refere-se ao fato de que os modelos da Morfologia Distribuída e Exo-esqueletal permitem um excelente tratamento para formas que são subespecificadas em termos de traços morfossintáticos.

A teoria de gramática de modelos construcionistas caracteriza-se por três propriedades fundamentais. A primeira é a inserção tardia, ou seja, se nas teorias lexicalistas os itens entram na computação já “formados”, com sua estrutura interna fechada às operações sintáticas e com conteúdo fonológico. Nestes modelos, categorias sintáticas são puramente abstratas, sem traços fonológicos. Outra característica fundamental é a subspecificação, que significa que as expressões fonológicas não precisam ser plenamente especificadas para serem inseridas nos nós terminais da derivação sintática. Finalmente, a estrutura sintática hierárquica *All the way down*. Isso que dizer que os nós terminais nos quais os itens de Vocabulário serão inseridos se organizam em estruturas hierárquicas determinadas por princípios e operações da sintaxe.

Estas versões de gramática diferem do modelo Lexicalista por não possuir um léxico, ou seja, uma lista de palavras prontas, constituídas por um feixe de traços fonológicos, formais e semânticos. As palavras são o resultado de computações da sintaxe.

Neste trabalho, seguiremos o modelo Exo-esqueletal, uma abordagem construcionista, que prediz que os papéis teta são um reflexo de uma relação particular entre um argumento e um núcleo. Predição esta fundamental para a análise que pretendemos desenvolver. O motivo por que escolher este modelo em vez do modelo da Morfologia Distribuída, entre outras razões, diz respeito principalmente ao fato de que as versões da Morfologia Distribuída defendem que há semântica, ainda que minimamente, intrínseca à raiz, e esse conteúdo semântico entra ainda na fase sintática. Defenderei, no entanto, que o significado que a raiz espelhará só vai aparecer quando a raiz é inserida, na fonologia, e faz a interface conceptual, também na fonologia, porque

somente com o conteúdo fonológico da raiz preenchido que é possível fornecer a sintaxe de conteúdo conceitual.

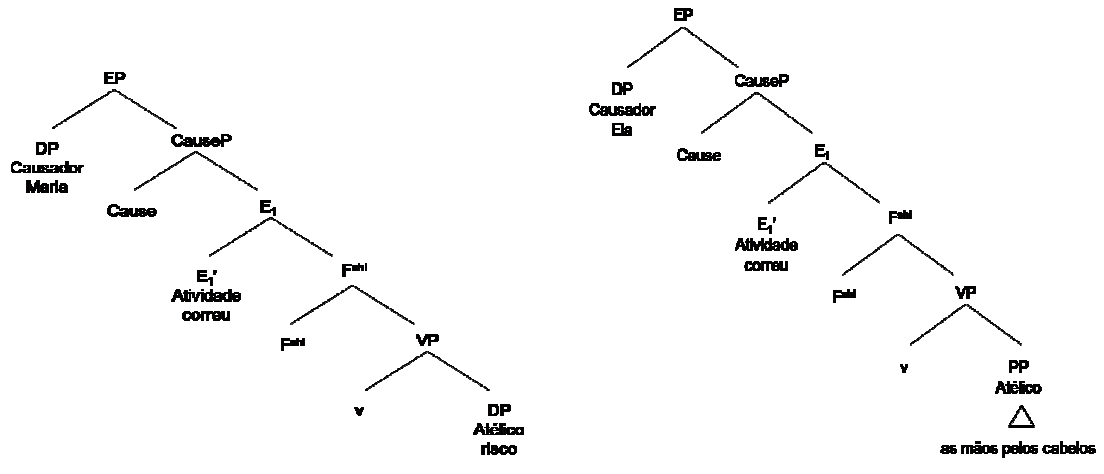
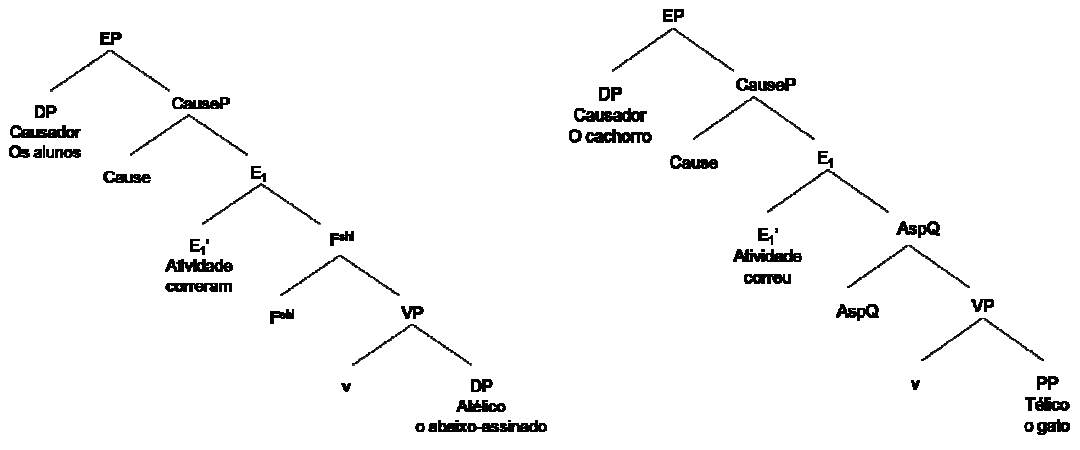
2. A análise formal

Nessa sessão, mostrarei as estruturas de verbos leves em português brasileiro, seguindo as características gerais do modelo teórico Exo-esquelético, já que o modelo ainda não tem uma análise para verbos leves. A ideia que direciona essa tarefa é a de que cada estrutura sintática faz surgir um verbo leve diferente. Cada verbo tem mais de um uso com significados diferentes de seus correspondentes não-leves, e cada uso tem um significado particular. Esse significado particular é basicamente derivado da combinação de uma estrutura de evento e o complemento/ou modificador. A raiz, quando associada à estrutura, agrega mais conteúdo, proveniente da interface conceitual. No caso dos verbos leves, este conteúdo é menos preciso. Além disso, precisamos atentar para o tipo de sujeito, porque, como veremos, serão de três tipos: agente, causador e experienciador (dependendo do nó funcional do qual herdará a semântica: VozP, CausaP ou ExpP). Diante disso, organiza-se uma diferença em relação ao tratamento dado aos verbos leves por Marantz (1997), já que ela analisa o verbo leve tal como analisa as expressões idiomáticas. Dito isto, a marcação de nível sintático para a leitura de expressões idiomáticas deve valer também para a leitura de verbos leves, no entanto, veremos que é justamente neste nível que ocorre a diferença de significado de um verbo para outro, em alguns casos. Elaborei um teste para identificar a diferença de um verbo leve para uma expressão idiomática e esta consiste na substituição de sintagmas. Caso possamos substituir um argumento e mesmo assim o significado permanece, este é um verbo leve, caso contrário, trata-se de uma expressão idiomática. Por exemplo, temos a expressão “descascar um abacaxi” que quer dizer “resolver um problema difícil. Se substituirmos abacaxi por melancia (igualmente difícil de descascar), não obtemos mais o mesmo significado idiomático, somente o literal. Por outro lado, se temos “matar o copo de cerveja” cujo significado é “beber o conteúdo de cerveja contido no copo até o fim”, podemos substituir “copo de cerveja” por prato de comida, garrafa de refrigerante e, ainda assim, obtemos o mesmo significado. Diante disso, veremos abaixo a análise que tenta dar conta de todas essas predições.

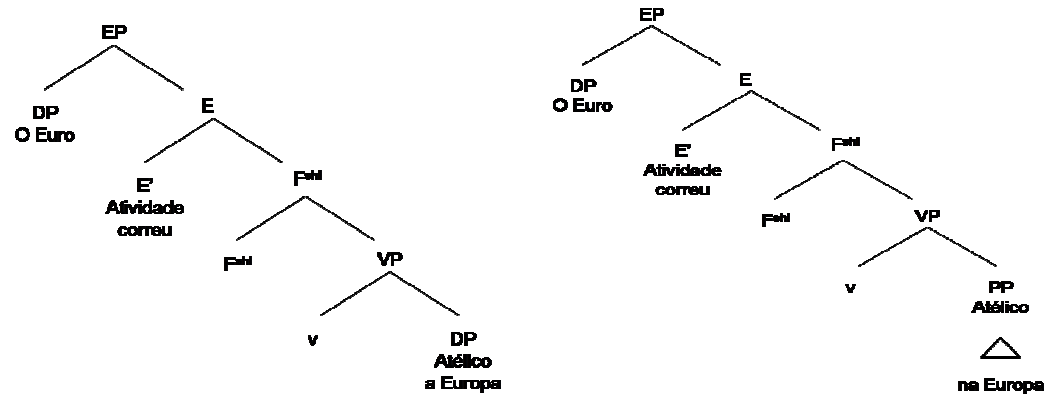
Outro nó que merece destaque na análise é o nó de evento (E), porque este virá com “sabores”, seja de atividade, fim, mudança de curso etc. Assim como Folli e Harley (2007) promovem “sabores” para os v, eu proponho sabores para os eventos (E). O número de sabores deve ser limitado e pequeno, porém ainda não posso delimitar o número preciso contido na Gramática Universal. Esses “sabores”, portanto, entram na sintaxe, enfeixados ao nó de Evento.

O primeiro verbo leve da análise é o *correr*. Abaixo, os usos desse verbo no português brasileiro seguidos de suas estruturas sintáticas:

- (1) Os alunos correram um abaixo-assinado.
- (2) O cachorro correu o gato.
- (3) Maria correu um risco enorme.
- (4) Ela correu as mãos pelo cabelo.
- (5) O euro correu a Europa.
- (6) O euro correu na Europa.



Até este exemplo, o que observamos estruturalmente no verbo *correr* é uma estrutura de evento de atividade, cujo complemento, licenciado por um nó aspectual F^{shl} ou AspQ (já que pode selecionar um complemento com leitura tanto atélica quando télica), herda deste nó de aspecto a medida de telicidade. Nestes exemplos, ainda é importante destacar o nó funcional de causa que transfere essa potencialidade de causar ao sujeito que ele seleciona. Deste modo, o que temos é uma atividade que ocorre sobre o complemento e é causada pelo sujeito.

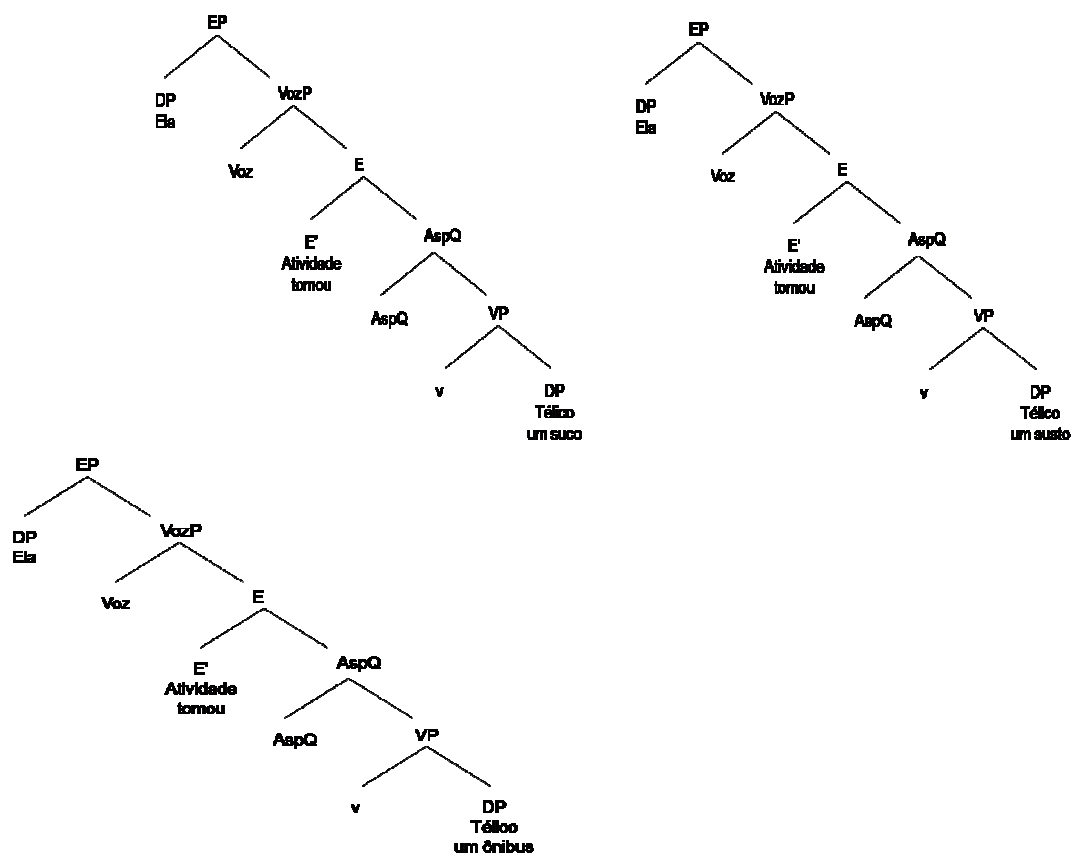


Esses dois outros usos do verbo *correr* diferem dos demais no que tange ao argumento externo, já que, nestes casos, não há um sujeito causador, diante da falta de animacidade deste sujeito. Aqui, temos, então, uma atividade que incide sobre o complemento interno ao VP.

O *spell-out* desses verbos ocorre somente após a confecção da estrutura inteira, e não somente do evento, já que é no *spell-out* que se forma a interpretação e, para haver interpretação, precisamos de toda a estrutura sintática. Isso valerá para todas as análises de estrutura daqui para frente neste trabalho.

As versões leves do verbo *tomar* são inseridas na mesma estrutura de evento do verbo *correr*, já que ambos são atividades. Esta atividade também incide sobre o VP que vai herdar as características de telicidade do nó de aspecto. A diferença se encontra no tipo de sujeito selecionado pela estrutura. Nos casos de uso do verbo *tomar*, temos a presença de um sujeito agente que é selecionado pelo nó estrutural de voz. A seguir, os usos e as estruturas desse verbo:

- (7) Ela tomou um suco.
- (8) Ela tomou um susto.
- (9) Ela tomou um ônibus.

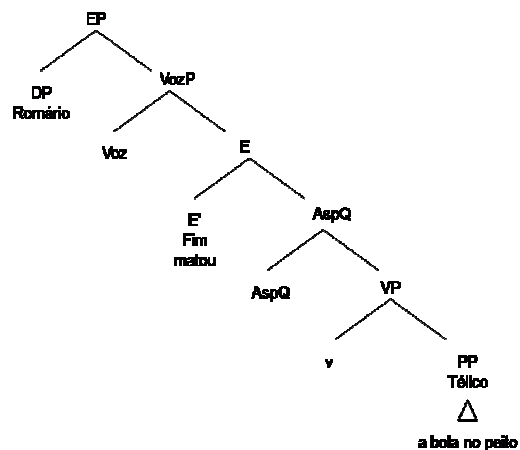
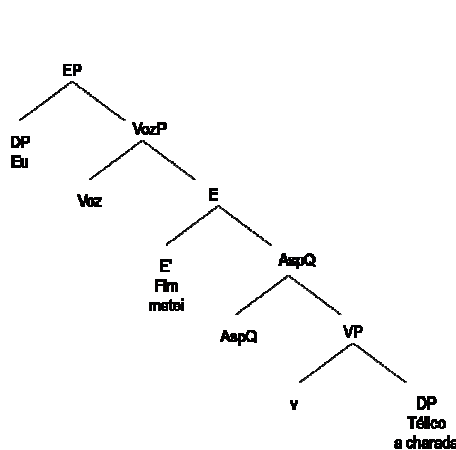
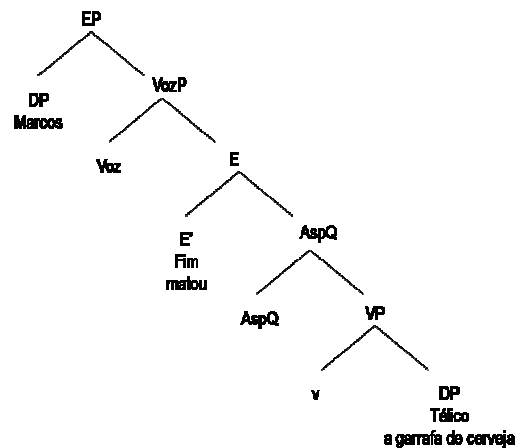
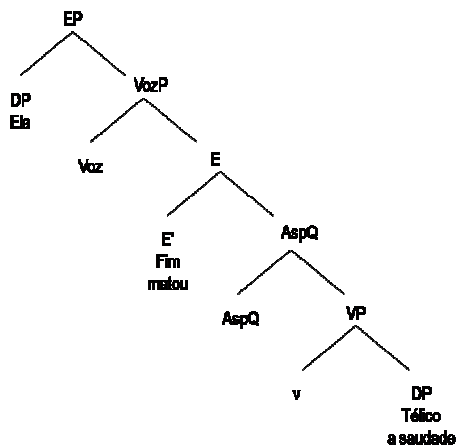


Neste ponto, podemos perceber que o fundamento sintático que diferencia os verbos *correr* e *tomar* é justamente o nó de sujeito, como havíamos previsto. Deste modo, podemos ressaltar a importância de diferenciar a análise dos verbos leves da análise de expressões idiomáticas, já que é necessária a inserção do tipo de sujeito na

análise. Enquanto que, em *correr*, observamos um sujeito causador (CausaP), em *tomar*, nós temos um sujeito agente (VozP).

O verbo *matar*, por sua vez, é moldado em uma estrutura de evento fim, e este fim é delimitado pelo aspecto transferido ao complemento. O sujeito precisa ser um agente, que é selecionado pelo nó voz. Abaixo, os usos e as estruturas do verbo *matar*, de modo que possamos observar as escolhas estruturais feitas para este verbo:

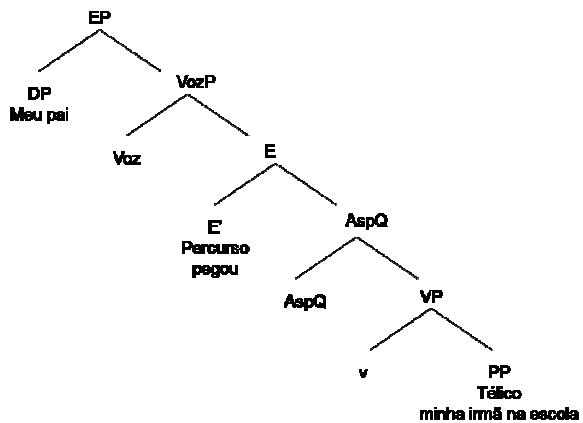
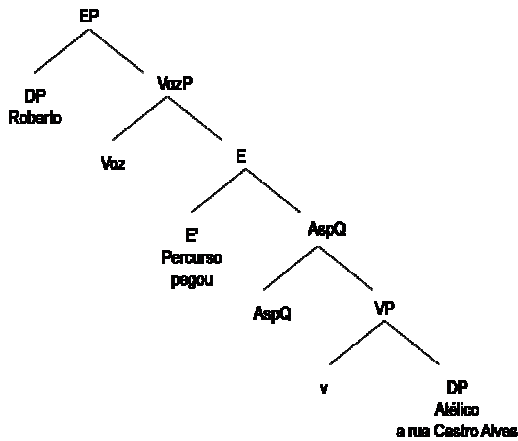
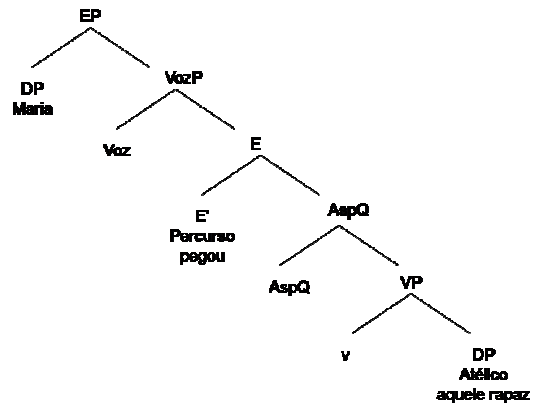
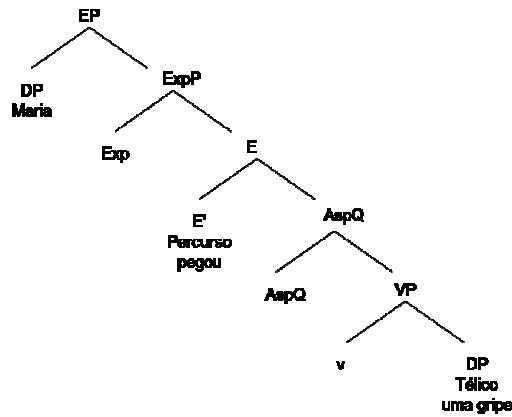
- (10) Ela matou a saudade.
- (11) Marcos matou a garrafa de cerveja.
- (12) Eu matei a charada.
- (13) Romário matou a bola no peito.



O próximo verbo que analisaremos é o verbo *pegar*. Este verbo se incorpora a uma estrutura de evento de percurso e este percurso é limitado pelo nó aspectual que repassa a sua carga para o complemento interno ao VP. O argumento externo, nestes casos,

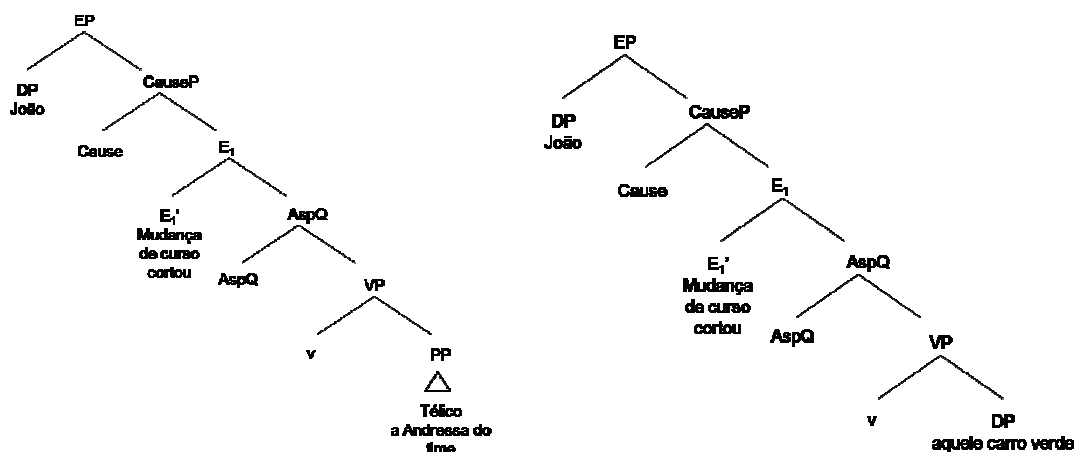
precisa ser um agente, que é selecionado pelo nó voz. A seguir, as sentenças e as configurações sintáticas:

- (14) Maria pegou uma gripe.
- (15) Maria pegou aquele rapaz .
- (16) Roberto pegou a rua Castro Alves.
- (17) Meu pai me pega na escola até hoje.



A próxima análise será do verbo *cortar*. Este é um verbo moldado na estrutura de evento de mudança de curso. Este tipo de evento também necessita de um delimitador e, por isso, o nó aspectual ora télico, ora atélico. O sujeito, mais uma vez, se apresenta com o sabor de causador, herdado do nó de causa que o seleciona. Para este verbo, temos dois usos no português brasileiro:

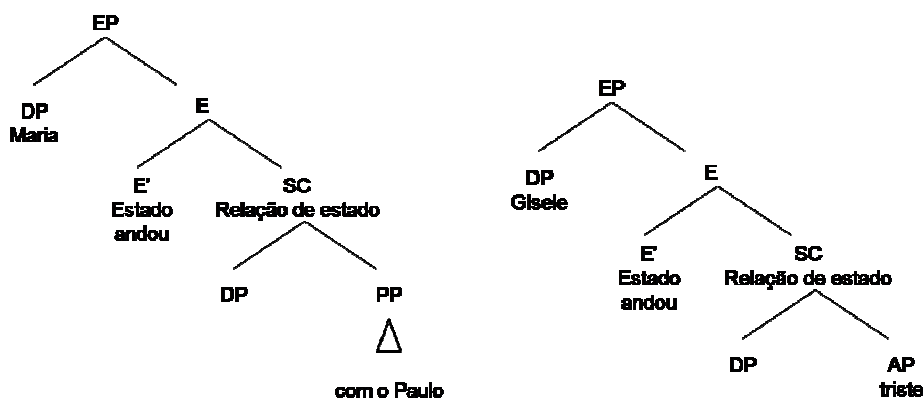
- (18) João cortou a Andressa do time.
- (19) João cortou aquele carro verde.



O verbo *andar*, nas versões em que se comporta como um verbo leve, insere-se na estrutura de evento estativo. Desta forma, não há um complemento que explicitie uma delimitação, conforme temos observado até agora nos exemplos dados, mas uma relação de estado entre um DP e um PP ou AP (um caso de pequena oração – *small clause* – SC). Este DP, então, é alçado para a posição de sujeito para ganhar caso nominativo. Exemplos:

(20) Maria andou com o Paulo.

(21) Gisele andou muito triste.

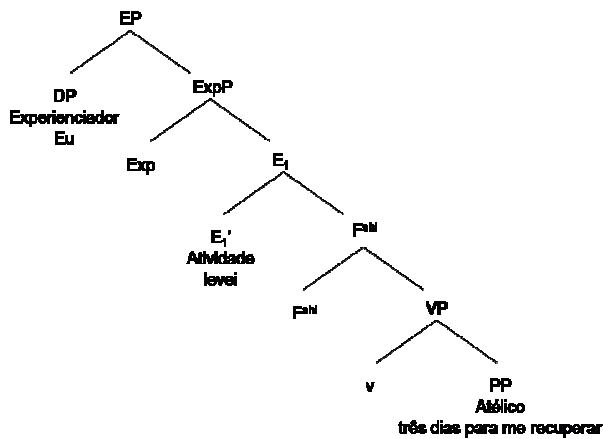
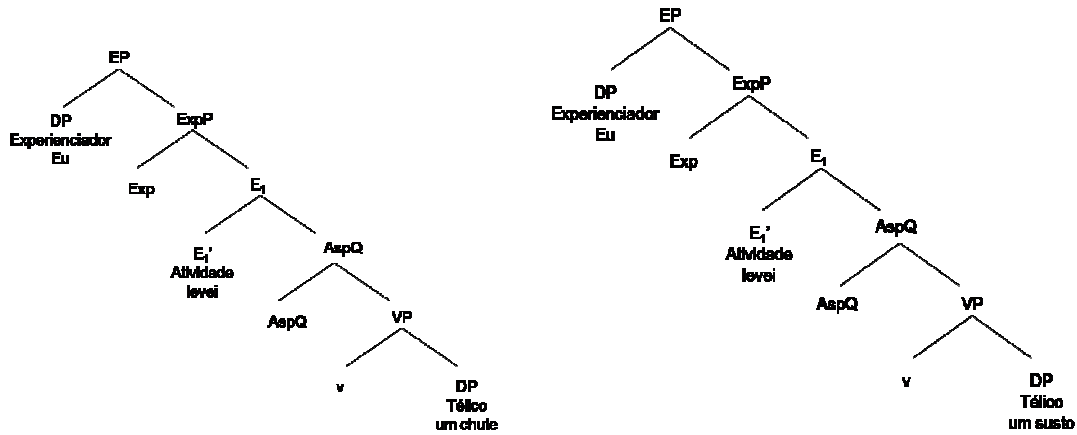


O verbo *levar* é escolhido por uma estrutura de evento de atividade. Como um evento de atividade, precisa de um nó de aspecto que delimite o evento através de seu complemento. Uma característica interessante deste verbo é o fato de que ele se comporta como um verbo psicológico e, por isso, o nó nomeado de expP, já que este selecionará um sujeito experienciador, uma interface sintático-semântica necessária para os usos desse verbo no português brasileiro. Trata-se de um argumento externo do tipo afetado. Os exemplos desses usos e a sua estrutura estão logo abaixo:

(22) Eu levei um chute.

(23) Eu levei um susto.

(24) Eu levei 3 dias para me recuperar do tombo.



Conforme pudemos observar, o tipo de evento, nesta análise, incorporado à sintaxe, é o que vai diferenciar muitos usos de verbos. Como exemplo, podemos citar os exemplos “pegar uma gripe” e “levar um chute”. Enquanto que “pegar uma gripe” está inserido no tipo de evento “percurso”, “levar um chute” é uma atividade.

3. Conclusões

Como pudemos ver, o mecanismo sintático, com os nós funcionais, pode capturar comportamentos sintáticos que fazem surgir seus significados. A razão por que podemos afirmar que a configuração sintática é responsável por diferentes significados é em grande parte devido ao fato de que o verbo precisa estar em um complexo com um complemento, na construção de um evento (atividade, fim, percurso, mudança de curso e estado), como pudemos observar acima. Além disso, ainda é preciso restringir o tipo de sujeito, porque ele traz importantes contribuições para o significado da estrutura

argumental. Nós funcionais precisam selecionar o tipo de sujeito que será incorporado à estrutura através de nós como: VozP, CausaP ou ExpP. Além do mecanismo sintático bastante complexo a partir do qual podemos depreender o significado para os verbos leves, ainda há, após a inserção fonológica da raiz (na última fase, como dissemos) um acréscimo conceitual que precisa ser veiculado à interface sintaxe-pragmática. No caso dos verbos leves, esse acréscimo conceitual é menor em comparação com o significado proveniente da estrutura. Essa é justamente a diferença entre os verbos leves e plenos, já que verbos plenos contêm um acréscimo conceitual mais preciso.

3. Referências

- BAKER, M. *Incorporation: A theory of grammatical changing*. University of Chicago Press: Chicago. 1988.
- BORER, H.. The projection principle and rules of morphology. In: Proceedings from the XIV Annual meeting of the North-Eastern linguistic society, Amherst. 1984.
- BORER, H.. *The Normal course of events*. Structuring sense, Volume II. Oxford: Oxford University Press. 2005.
- BORER, H.. *Taking form*. Structuring sense, Volume III. Oxford: Oxford University Press. 2013.
- BUTT, M. The Light verb jungle: still hacking away. In: AMBERBER, M., HARVEY, M. and BAKER, B. (Eds.) *Complex Predicates in Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge University Press, P. 48-78. 2010.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. and ROSENBAUM, P. (Eds.), *Readings in English transformational grammar*. Waltham, MA: Blaisdell, p. 184-221. 1970.
- CHOMSKY, N. *Lectures in government and binding*. (Studies in generative grammar 9). Dordrecht: Foris. 1981.
- GRIMSHAW, J. and MESTER, A. Light verbs and theta-marking. In: *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 205-232. 1988.
- HARLEY, H. & NOYER R. Formal vs. encyclopedic properties of vocabulary: Evidence from nominalisations. In: PEETERS, B. (Ed.). *The Lexicon-Encyclopedia Interface*. Amsterdam: Elsevier, p. 349-374. 2000.
- FOLLI, R. and HARLEY, H. “Flavors of v: consuming results in Italian and English”. In: SLABAKOVA, R. and KEMOCHINKY, P. (Eds.), *Aspectual Inquiries*,. Dordrecht: Kluwer, p. 95-120. 1004.
- FOLLI, R. and HARLEY, H. Causation, obligation and argument structure: on the nature of little v. *Linguistic Inquiry*, v. 38, n. 2, p. 197-238. 2007.
- LEVIN, B. and RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*, Linguistic Inquiry Monograph 26, MIT Press, Cambridge, MA. 1995.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A. & SIEGEL, L. (Eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, 4.2 (pp. 201-225). Philadelphia: University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, p. 201-225. 1997.